



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Questões Agrária, Urbana, Ambiental e Serviço Social

Sub-eixo: Ênfase na Questão Ambiental

O PARTICULAR COMO MEDIAÇÃO PARA O ENFRENTAMENTO DOS DESASTRES EM CAMPOS DOS GOYTACAZES

ADRIANA SOARES DUTRA ¹
JULIANA THIMÓTEO NAZARENO MENDES ¹

RESUMO

O artigo apresenta elementos relativos à percepção de riscos e de desastres relacionados à água e formas de enfrentamento adotadas por moradores de Campos dos Goytacazes, município do norte do estado do Rio de Janeiro, tendo como base entrevistas com a população afetada e um grupo focal. A partir destas abordagens, identificou-se aspectos genéricos e outros focalizados nas interpretações sobre desastres, assim como fortes laços de solidariedade no seu atravessamento. O estudo aponta o particular como mediação necessária para o enfrentamento das vulnerabilidades vivenciadas.

Palavras-chave: Percepção de risco. Processos de vulnerabilização. Mediação.

RESUMEN

El artículo presenta elementos relacionados con la percepción de riesgos y desastres relacionados con el agua y las formas de enfrentamiento adoptadas por los habitantes de Campos dos Goytacazes, municipio del norte del estado de Río de Janeiro, a partir de entrevistas con la población afectada y un grupo focal. A partir de estos abordajes se identificaron aspectos genéricos y otros enfocados a las

¹ Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal Fluminense

interpretaciones de los desastres, así como fuertes lazos de solidaridad al vivenciarlos. El estudio apunta a lo particular como una mediación necesaria para enfrentar las vulnerabilidades vividas.

Palabras clave: Percepción del riesgo. Procesos de vulnerabilidad. Mediación.

1 INTRODUÇÃO

Campos dos Goytacazes é um município marcado por muitas contradições. Situado a 280 quilômetros ao norte da capital, é conhecido pela cultura da cana-de-acúcar e também pela exploração e produção de petróleo, atividades econômicas que acirraram as desigualdades sociais na região, em especial a partir da década de 1970 (CRUZ, 2003). Com uma população estimada de 514.643 habitantes (IBGE, 2021), em 2019 possuía PIB de R\$ 57.329,81 per capita, ocupando o 15º lugar no estado e o 296º no país. Em que pese as altas cifras, o salário médio dos trabalhadores formais em 2020 não ultrapassava 2,2 salários mínimos e o percentual da população ocupada não chegava a 20%. Acrescenta-se ainda que no mesmo ano 37,7 % possuía rendimentos de até ½ salário mínimo. (IBGE, 2021)

Em relação à extensão territorial, ainda de acordo com os dados do IBGE (2021), trata-se do maior município do estado do Rio de Janeiro e o 372º do país.

Última cidade a acabar com a escravidão no Brasil, grande parte das terras permanece concentrada nas mãos de pequenos grupos, deixando para a maior parcela da população as áreas mais suscetíveis aos riscos ambientais e com menor investimento do poder público.

Seu povoamento se deu sobre uma planície de inundações, caracterizada por relevos suaves e com baixas declividades, banhados por rios, lagoas, brejos e canais que fazem parte das bacias hidrográficas do Rio Itabapoana e do Rio Paraíba do Sul. Com isso, registros de alagamentos e inundações são encontrados desde o século XIX (RODRIGUES, 1988), ocasionando danos consideráveis para segmentos sociais, especialmente aqueles afetados pelos processos de vulnerabilização (ACSELRAD, 2006). Mas, nos deteremos no período mais recente, no qual os desastres continuam afetando parcela significativa da população, em diferentes

áreas do município. Estudos realizados por Siqueira et al. (2018) indicam que entre 2003 e 2011, Campos dos Goytacazes foi acometido por 6 situações, consideradas pelas autoras como de desastres relacionados à água (inundações e contaminação de mananciais), afetando 490.145 pessoas e deixando um total de 68.288 desalojados e 13.863 desabrigados. Entre 2003 e 2016, 7004 residências populares foram danificadas e 200 foram destruídas no município (DUTRA, et al. 2022)

Assim, este artigo apresenta elementos relativos à percepção de riscos e de desastres relacionados à água e formas de enfrentamento adotadas pela população afetada em Campos dos Goytacazes, e constitui um recorte da pesquisa denominada “Mobilização social e enfrentamento de desastres ambientais em Campos dos Goytacazes, no norte fluminense/RJ”² realizada no âmbito do Núcleo de Pesquisas e Estudos Socioambientais da Universidade Federal Fluminense (NESA/UFF).

A pesquisa teve como principal objetivo identificar e analisar a emergência de processos de mobilização e organização dos atingidos em contextos de desastres ambientais, para o enfrentamento e recuperação dos seus ambientes e da sua vida cotidiana no município de Campos dos Goytacazes/RJ, e abrangeu atividades de campo em dois bairros do município frequentemente afetados por inundações - Santo Eduardo e Ururaí, além da realização de um grupo focal com estudantes do curso de Serviço Social, da Universidade Federal Fluminense, que residiam em áreas com histórico de enchentes e inundações.

Como metodologia, em Santo Eduardo foram realizadas 20 entrevistas em profundidade com moradores da localidade afetados por desastres e aplicados 54 questionários survey. As entrevistas foram transcritas e sua análise foi inspirada na análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).

Já o grupo focal foi realizado com seis estudantes do curso de Serviço Social, sendo todas as participantes mulheres, com idade entre 23 e 34 anos. Destas, duas residiam em localidades que foram diretamente afetadas por situações de

²A pesquisa possui financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). As opiniões emitidas são de responsabilidade das autoras e não necessariamente expressam os posicionamentos das agências citadas.

inundações e as demais foram atingidas indiretamente, por residirem em áreas próximas aos eventos.

O grupo focal e parte das entrevistas foram realizados de forma remota, em função da Pandemia da Covid-19, seguindo as recomendações das “Orientações para procedimentos em pesquisa com qualquer etapa em ambiente virtual”, emitida pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da Secretaria Executiva do Conselho Nacional de Saúde, em 24 de fevereiro de 2021. A participação nas atividades foi voluntária.

Assim, com base nas informações geradas pelos moradores de Santo Eduardo durante as entrevistas e pelos participantes do grupo focal, busca-se realizar uma reflexão sobre a importância do particular como mediação para o enfrentamento das vulnerabilidades vivenciadas por estes segmentos.

Para isso, este artigo se organiza em três momentos. No primeiro foram levantados, aspectos relacionados aos desastres, à forma como têm sido abordados hegemonicamente, assim como a necessidade de compreensão de tais situações como processos sociais. Em seguida, passou-se à apresentação das formas como a população afetada percebe e enfrenta os desastres no seu cotidiano para, no terceiro momento, refletir criticamente sobre tais questões, a partir de aspectos relacionados à realidade de Campos dos Goytacazes e ao sistema capitalista vigente.

2 DESASTRES RELACIONADOS A ÁGUA: DO ASPECTO BIOFÍSICO AO PROCESSO SOCIAL

O debate acerca dos desastres socioambientais, sobretudo no âmbito da sociologia, traz como referência comum a compreensão de que estes não podem ser considerados apenas um fenômeno biofísico mas, sobretudo, um processo socialmente construído, em que se considerem estrutura social e as condições de vida como elementos que tendem a potencializar as consequências dos fenômenos biofísicos.

Neste sentido, para entender os desastres é preciso ir além do momento em

que o impacto ocorreu e das suas expressões mais imediatas. De acordo com Valencio (2015) é preciso considerar as relações sociais, econômicas e políticas que se estabelecem naquele determinado contexto sócio-histórico que permitem identificar padrões de vulnerabilidades que forjam os desastres e que podem ocasionar outras crises a partir do impacto, como também, considerar os valores dos envolvidos que vão orientar os significados e as perdas havidas, bem como as prioridades de recuperação do desastre.

Muito tem se produzido sobre os desastres e seus aspectos biofísicos, mas os processos que perpassam a vida cotidiana dos sujeitos e que se relacionam com os momentos que antecedem a chamada crise aguda do desastre, as formas de enfrentamento e de superação encontradas em especial sob a ótica a população afetada ainda são pouco enfatizados. Assim, a centralidade das abordagens acaba por estar no discurso técnico-científico e nas respostas do Estado.

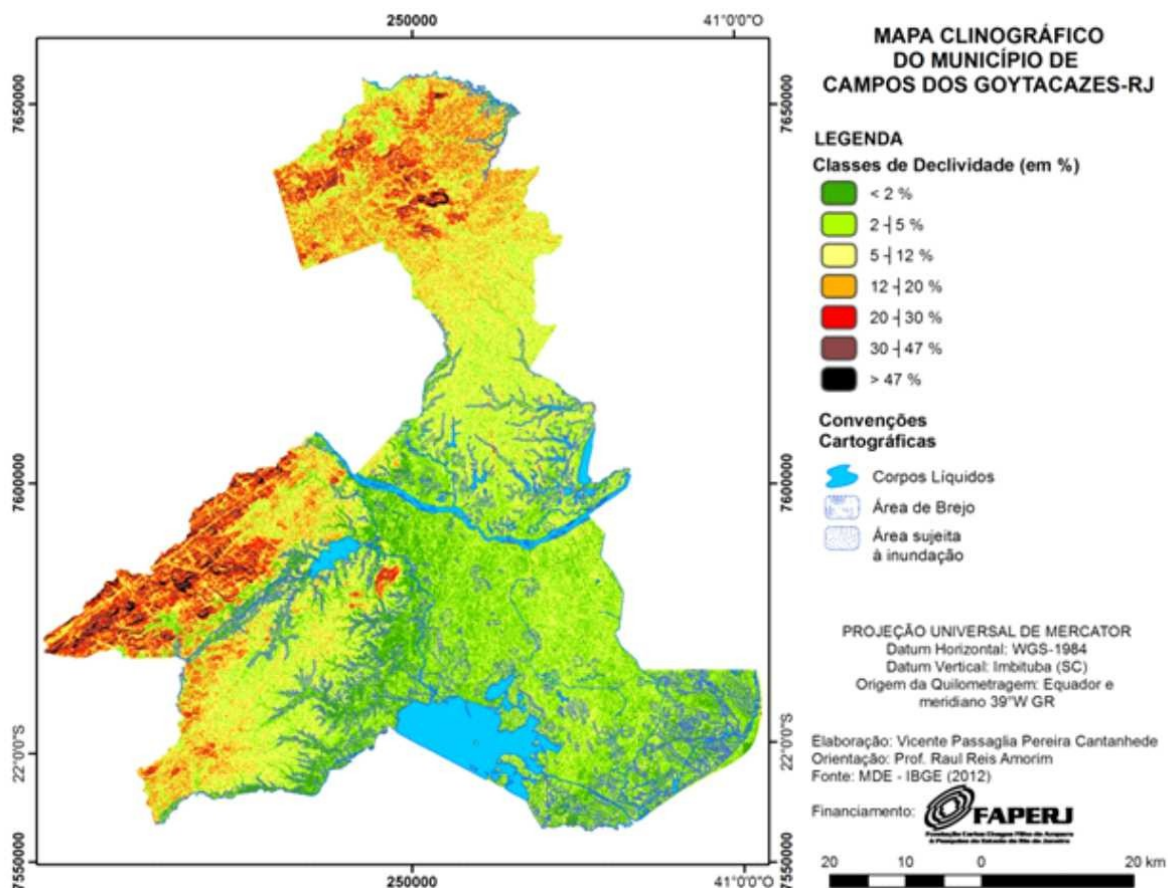
Portanto, olhar para o cotidiano das famílias afetadas tendo como base os significados atribuídos por elas ao desastre, assim como as formas de enfrentamento encontradas torna-se passo fundamental. Consideramos que o cotidiano é a base necessária para a prática social (CARVALHO, 1996). Por meio da arte da intermediação, podem ser gerados efeitos imprevisíveis e, até mesmo, revolucionários.

No entanto, para apreender a vida cotidiana, é preciso adotar três perspectivas convergentes, como sinalizado por Carvalho (1996) a partir dos estudos do Lefebvre. A primeira é apreender o dado sensível e prático, as subjetividades, as emoções, hábitos e comportamentos. A segunda é aprendê-la como processo de estruturação e desestruturação, ou seja, em sua totalidade concreta. E por fim, compreender que nela estão as possibilidades de transformações da própria realidade.

Com base nestas etapas, no próximo item serão apresentadas as formas como os sujeitos enfrentam e percebem os desastres pelos quais foram afetados direta ou indiretamente, ao longo de suas trajetórias de vida.

2.1 Sociabilidade primária como forma de enfrentamento aos desastres

Como já sinalizado, o município de Campos dos Goytacazes, RJ, é uma região de baixada, formada por rios, lagos, brejos e cortada pelo Rio Paraíba do Sul, como se verifica no mapa abaixo:



Fonte: CANTANHEDE; AMORIM (2016).

Em função do desenvolvimento urbano ter se dado em áreas alagadiças, de pântanos e brejos, sujeitos a constantes enchentes e inundações, foram realizadas várias reformas urbanas, com grandes obras como drenagem de lagoas e construção de diques de contenção, que valorizavam a área central, conferindo funcionalidade e atendendo as expectativas da burguesia local. Por outro lado, as áreas periféricas ficaram sem investimentos significativos, sendo desvalorizadas, e conseqüentemente, ocupadas pelas camadas mais pobres da população, tornando

este segmento sujeito aos desastres relacionados à água, já que tende a ocupar as áreas mais próximas aos rios e lagos e sem investimento público adequado em infraestrutura.

São nestas regiões periféricas que residem os sujeitos desta pesquisa e que têm em comum o fato de terem sido afetados por enchentes e inundações de pequenas e grandes proporções ao longo das suas trajetórias de vida

Ao relembrares essas experiências, a primeira reação das participantes do grupo focal foi externar os sentimentos:

No meu caso são os meus avós que moram no Parque Leopoldina/Caju e quando ocorreu a inundação, chegou bem próximo a rua deles. Lembro que eu era criança e achei aquilo tudo muito assustador, ficou vários dias com as ruas totalmente inundadas dificultando o acesso (L.V).

Eu moro em Lagoa de Cima né, próximo ao Imbé e aqui em 2008 foi horrível. Horrível porque eu moro próximo ao rio e a enchente quando vem a gente já fica assustado porque é assim, a questão de um dia para o outro a água entrar dentro das casas (...). É horrível gente, é a pior coisa que existe. Muito ruim a pessoa ficar isolada sem ter pra onde correr (J.T.)

Eu moro aqui na localidade de Três Vendas. Já moro aqui há 17 anos. Vim para cá em 2004, com 10 anos de idade e quando a gente se mudou para cá a gente não sabia que aqui vinha água de enchente Então a gente pegou essa primeira enchente de 2008. Foi horrível, horrível porque a gente não estava preparada (S.A.)

Na memória dos desastres os sentimentos de medo, angústia e ansiedade também estiveram presentes entre os moradores de Santo Eduardo. O relato das perdas materiais vem acompanhado da dor. O que nos remete ao sofrimento social, conforme abordado por Valencio (2014), demonstrando que as recordações não acompanham o tempo cronológico dos fatores biofísicos, mas permanecem vivas na memória daqueles que experienciaram a destruição ocasionada pelos desastres.

Tinha 8 anos, mas eu lembro sim, [...] Eu tinha 8, meu irmão tinha 6, meu avô idoso, minha avó idosa, minha bisavó muito mais [...] A gente perdeu, roupa lavou, mas guarda roupa, cama, colchão sofá a gente perdeu tudo...(J.G)

Nas formas de enfrentamento adotadas pela população em relação aos desastres, observou-se a existência de fortes laços de solidariedade mobilizados especialmente no momento da crise aguda. Familiares, vizinhos e amigos foram recorrentemente mencionados como os sujeitos que contribuem mais

significativamente para a sua superação, revelando o poder da sociabilidade primária, nesse contexto. O apoio local vai desde a comunicação sobre a percepção dos riscos, passando pelo deslocamento da população enferma e com dificuldade de locomoção, pelo acolhimento das pessoas mais afetadas e guarda de seus pertences por aqueles que possuem residência com algum nível de proteção, ou seja, localizadas nos pontos mais altos dos bairros, até a aquisição de suprimentos e lavagem das casas e objetos após a diminuição do volume de água.

Aqueles que se encontram em uma situação um pouco melhor se desdobram para auxiliarem os demais, como fica evidenciado nos relatos dos entrevistados

A gente se ajuda aqui, se ajuda. Eu por exemplo já botei muita gente acima da minha casa, minha casa é um sobrado, eu alojei o pessoal em cima da minha casa na, na laje, porque não deu tempo de correr, e primeiro que minha casa é de fundo pro valão e a água na rua tava um metro e meio de altura, então não tinha como sair, tinha que subir. (C.A)

O bom daqui é que quando tem, quando aparece um pessoal na rua ainda ajuda a gente a tirar alguma coisa, entende? (N.A)

Um ajuda o outro e é assim (M.R)

Eu comprei o que eu pude de alimentos, entendeu. Inclusive de uma das vezes, em 75, eu vim pronta porque eu vim mais rápido que pude, eu comprei toda produção de pão dentro da maior padaria que tinha em (cita o nome da cidade em que morava à época) ...Trouxe remédios, trouxe alimentos... Em 2006 da mesma forma, entendeu, fui lá na escola e entreguei às responsáveis pela distribuição, entendeu? [...]E agora em 2012 eu trouxe alimentos também, remédios, tudo o que eu pude conseguir lá, enquanto eu não podia viajar, eu trouxe doação de amigos médicos, trouxe remédios, primeiros socorros, entendeu? Teve alimentos. Tudo o que eu pude trazer no momento pra ajudar no momento eu trouxe (E.O)

As igrejas também foram citadas, por parte do público da pesquisa, como instituições importantes no processo de apoio às comunidades, seja na disponibilização de abrigos, seja de alimentos e água. Além disso, uma participante relatou que os membros da igreja conhecem a comunidade, e por isso, sabem onde e a quem prestar auxílio. Foi possível perceber, que em algumas das situações relatadas, as igrejas foram as primeiras instituições a auxiliar os moradores, chegando mais rápido, e às vezes, de forma mais imediata que o poder público.

Também não foram ausentes os relatos que indicaram que o enfrentamento dos desastres ocorre no âmbito familiar, uma vez que, de acordo com a gravidade do impacto, a condição de desproteção atinge aos vizinhos de igual forma.

Embora o sentimento de pertencimento ao lugar seja bastante presente, alguns mencionaram mudança de residência como alternativa para mitigar os problemas ocasionados pelas inundações. Ainda que acompanhado do desejo de permanência no bairro.

[...] meus pais até falaram assim: “não, a gente não vai comprar pra colocar aqui de novo, porque senão a água vai vim e vai molhar. Aí vai comprar quando for pra outra casa, que aí vai ficar no alto, aí vai ser melhor.” (L.S)

Então, sempre quando tem enchente a gente, eu saía né de casa minha mãe sempre alugava casa em outro local ou se não ia pra casa das minhas irmãs mas assim demorava dois, três meses assim porque tem que esperar secar para poder verificar se a casa tá em bom estado também para a gente poder voltar. Mas demora muito porque fica aquele cheiro de... aquele cheiro ruim né de lodo sei lá não sei nem explicar e demora bastante (J. T.)

Diferentemente do discurso técnico hegemônico que recorrentemente desconsidera a percepção de risco da população, tendo em vista as frequentes resistências encontradas nos casos de tentativa de deslocamento destes segmentos, observou-se, a partir das falas, que tais riscos são percebidos.

Além de gerarem sofrimento entre os moradores, conforme expresso por uma das entrevistadas “A gente vive numa situação de tensão diária, olhou tem nuvem escura no céu a gente já fica apreensiva” (M.O), alguns relataram que, gradativamente, foram adotando medidas nos momentos que precedem ao período de chuvas para a mitigação dos danos, como novas formas de organização e guarda de pertences, construção de comportas e do segundo andar nas residências, como é possível observar nos relatos abaixo:

A maioria das minhas coisas estão tudo na laje da minha casa. Entendeu? De tudo, roupa, documento, tudo, eu coloco em cima do meu duplex, porque tem aquelas partes de madeira boa, ele é bem alto, entendeu? A gente tira tudo de baixo. A minha casa fica pelada, vira uma revolução só. É de endoidar, porque depois a gente procura as coisas e não lembra onde tá, porque a gente esquece tudo. Vai lembrar que tá lá em cima na laje? Tem prateleiras bem alta na minha dispensa pra colocar as coisas. Entendeu? Muita gente já construiu em cima da laje. Muita gente ... pra evitar entrar água...(E.O)

No período da faculdade eu sempre tinha que ir para outro lugar, porque não tinha como ficar, pois o ônibus não passava. A gente mudava. Aí, todo mundo do bairro pegava, colocava as coisas para cima. Subir as coisas como a gente falava lá. (J.T).

Na época, eu e minha mãe fomos com uma vizinha que trabalhava numa fazenda próximo daqui, na localidade chamada Sapucaia que é bem pertinho daqui. Lá é um

morrinho um pouquinho alto, então, a água não chegaria lá. Então a gente pegou as coisas. Botamos na laje o que a gente pode. Eu lembro que na época tinha um guarda-roupa enorme que minha mãe tinha comprado e não dava para tirar ele. Só saía desmontado e naquela correria, não dava tempo. Aí a gente saiu daqui com água já entrando. Eu lembro que foi uma cena horrível! Assim a gente atravessando a pista para poder ir para essa fazenda e a água já entrando na canela. Na época a gente chegou a ficar nessa fazenda uns três ou quatro dias. (S.A.)

Em alguns esta percepção também produz ações mais coletivas, como utilização, de instrumentos de medição do nível de água do rio, confeccionados pelos próprios moradores :

Meu marido na época fez a medição na beirada do rio... [...] É, botou, né, até dois metro e dez, eu acho. entendeu? Aí as pessoas fica controlando a água com essa medição (M.T)

Eu lembro que meu pai ele tinha um medidor né, tipo que que colocou uma trena em um pedaço de trem lá aí ele deixava na água ele ficava analisando, oh subiu mais não sei quanto em dois dias subiu não sei quanto é melhor já ficar prestando atenção aí quando chegava, quando as pessoas viam que realmente ia entrar nas casas né qualquer momento aí já começava a subir tudo botava tipo pedaços de madeira assim que normalmente as casas lá onde minha mãe mora não são de laje aí eles colocavam na cumieira eu acho que chama assim, e botava tudo para cima o que pudesse colocava para cima o que não pudesse infelizmente perdia. (J.T)

Quando vai começando encher a gente começa a vigiar através das reportagens dos jornais locais sempre estão atualizando e as pessoas quando começa encher Itaperuna a gente começa a ficar em alerta ou quando falam que “Ah, Cardoso Moreira já está debaixo da água” a gente fala “Bom, se Cardoso Moreira tá aqui pode ser que que vem” então a gente mais ou menos já se prepara. (...) Aqui a gente vigia. Como é que a gente sabe como é que tá a altura da água, a gente vai para pista de madrugada... em período de enchente a gente até brinca aqui. Aqui bomba de gente porque é de noite, de madrugada, de manhã tem várias pessoas na pista para vigiar a água. Eles improvisam para marcar o território pra saber se, tipo assim, se na noite anterior a água chegou a tal ponto e no dia seguinte ultrapassou, aí eles mesmo calculam... Oh no andar da carruagem pode ser que teremos enchente aqui mais para o lado da tarde, são os próprios moradores mesmo(S.A)

Se, por um lado, os laços de solidariedade são evidenciados nos relatos sobre os enfrentamentos dos desastres como algo positivo e fundamental para a superação dos momentos de crise aguda, por outro a noção de direito e a vocalização no que tange ao papel do Estado, às atribuições do poder público e a das políticas sociais tornam-se praticamente invisíveis.

As responsabilidades pelos impactos dos desastres são frequentemente atribuídas aos próprios moradores, sobretudo no que se refere ao descarte inadequado dos resíduos produzidos na localidade.

Sempre jogaram lixo, agora diminuiu de tanta campanha do governo. A prefeitura manda recolher regularmente três vezes por semana, é a única coisa boa que nós temos, entendeu? Mas mesmo assim tem muita gente que não se conscientizou ainda joga lixo dentro do valão. O esgoto é todo, da usina daqui, tudo, de onde ele vem até aqui, o esgoto é todo jogado dentro, sem tratamento nenhum (E.O)

As pessoas não têm educação, e muitas vezes não têm saneamento em suas casas, jogam lixo nesse valão. E o pior, é que o poder público de Campos abandonou Santo Eduardo (M. M.)

Tipo assim, essas casas, eu não sei se é terreno legal, porque aqui tem uma ferrovia né, então assim, no terreno dessa ferrovia as pessoas constroem casas, por exemplo, sem pagar o terreno é da, do governo federal, eu não entendo muito bem disso, e eles simplesmente constroem casas na beirada. Nessas casas na beirada do rio eu não sei, entendeu, então eu acho que a gente tá se aproximando muito da natureza, tá invadindo demais. E assim, aqui eles queimam muito pasto, muito mesmo, tem costume de queimar pasto. Então eu acho que tudo isso interfere né na, no clima, na natureza. (J. G)

Nesse sentido, as causas dos desastres ainda são pouco problematizadas, dando margem à naturalização.

Desde quando eu sou pequena acontece, assim, não tem um, nunca parei pra pensar assim ah o porquê. É claro que a gente sabe que tem coisas assim que vem aumentando por causa da questão da poluição, das queimadas, assim, tudo mais... (L.S.)

Não tenho o que dizer. Porque, acho que acontece mesmo porque tem que acontecer né. (M. T)

Acho que é porque a gente mora dentro da água (risos), porque o valão é aqui, passa aqui perto aqui, então com tudo o que o rio enche, enche o valão.; acho que é coisa da vida mesmo;

A gente que tem que se cuidar, e Deus ajudar né (H. M).

É assim eu às vezes eu vejo como um desastre mas às vezes eu também vejo como a natureza tomando posse daquilo que é dela porque dizem que ali onde minha mãe mora que é próximo daqui, que já existia já teve uma enchente parecida em 2008 há muitos anos atrás ali quando as pessoas falavam assim comigo "ah já veio a água aqui na rua" falei "ih para de doideira isso nunca vai acontecer" e quando eu vi acontecendo eu falei é a natureza né tomando posse do que que é dela entendeu (J.T)

Uma vez que o desastre é naturalizado, torna-se difícil aventar possibilidades de alteração desta realidade, conforme observado nos relatos apresentados a seguir:

Não tem como precaver, nem tem como se defender e nem como resolver o problema da cheia não (C. O)

A gente já entendeu que não tem como melhorar a situação porque aqui é o lugar da água. (S.A)

Na localidade de Santo Eduardo alguns empreendimentos como a construção de uma hidrelétrica e a existência de um criadouro de peixes que afetaram o curso e o volume de água dos rios, mas apenas três moradores apontaram essas questões ao serem indagados sobre as causas dos desastres.

Entre as participantes do grupo focal, uma fez o seguinte relato em relação ao bairro que reside:

depois que veio essa [enchente] de 2014 eu procurei saber, gente mas porque aqui é um lugar que vem enchente né, e aí aqui qualquer um passa na BR aqui para ir para Itaperuna vai ver que aqui é um buraco né aqui não era nem para ser um bairro pra falar a verdade, mas antigamente... inclusive eu cheguei fazer um trabalho falando dos bairros aí eu fiz uma pesquisa e aí eu descobri que isso aqui era pasto e aí era pasto... e aqui era como se fosse uma terra aí tinha o proprietário que começou a vender, porque na época e isso já há muitos anos, aqui tem a usina de Sapucaia e antigamente tinha uma usina em Outeiro e como os moradores... como os trabalhadores precisavam seria até mais em conta eles morarem perto da onde trabalham então começaram a comprar, e aí Três Vendas foi se expandindo cada vez mais só que aqui é o lugar da água a maioria dos moradores mais antigos fala que por mais que a gente queira lutar não tem como não tem como ter uma solução (S.A)

3 O PARTICULAR COMO MEDIAÇÃO PARA O ENFRENTAMENTO DOS DESASTRES

Entre os aspectos evidenciados a partir destes relatos está o fato das explicações e interpretações sobre as causas dos desastres transitarem entre o universal e o singular, sem que fosse identificada uma problematização de questões de ordem particular. Aspectos genéricos e outros bastante focalizados foram acionados tanto em relação à compreensão dos desastres e suas causas como ao seu enfrentamento. Contudo, sem a presença do particular, tornam-se insuficientes para uma resposta mais efetiva à realidade posta.

Diante dessas questões, entende-se como necessário o resgate de aspectos relacionados à realidade de Campos dos Goytacazes e ao *modus operandi* do sistema capitalista com o objetivo de buscar uma leitura que tenha a totalidade como

perspectiva.

De acordo com Siqueira et al (2018) as intervenções antrópicas, ao longo da história de Campos dos Goytacazes, foram contribuindo para a produção e intensificação dos processos de desastres ambientais. No município, são os proprietários rurais e donos das usinas que controlam as estruturas hidráulicas, bem como operam as comportas e barragens dos cursos d'água, em favor dos seus próprios interesses.

Nos relatos ficou evidente a precariedade do poder público no apoio aos moradores, seja nos momentos pré, durante e pós a crise aguda dos desastres. A atuação foi pontuada como emergencial, ocorrendo apenas depois que o impacto acontece. Neste sentido, a ação é de providenciar, quando possível, o escoamento da água, por meio de bombas e a assistência aos desabrigados, por meio da oferta de abrigos provisórios ou oferta de itens de primeira necessidade como alimentos, água, colchões e medicamentos.

Acrescenta-se ainda que tal tipo de intervenção é atravessada também por características clientelistas e populistas, marcas do Estado brasileiro bastante presentes no município de Campos dos Goytacazes.

Nesse sentido, pode-se indagar até que ponto o acionamento das redes de sociabilidade primária pode expressar uma inação ou incapacidade do Estado e das políticas públicas no que se refere às demandas dos segmentos afetados, concretizando mais uma etapa do abandono nos termos de Valencio et al (2011).

Ademais, compreender o processo em questão requer ainda apreender os efeitos que discursos individualizantes ou excessivamente genéricos exercem no sistema social vigente.

Marx (1965) alerta para o processo social e político histórico a partir do qual a classe burguesa utiliza o universal com o objetivo de disseminar seus valores e seus interesses particulares para que sejam apropriados pelo conjunto dos trabalhadores. Esse processo ganha contornos ainda mais acentuados diante da mundialização do capital, com ênfase no capital financeiro, da reestruturação produtiva, do neoliberalismo, da exacerbação do individualismo e do conservadorismo. Assim, a forma de ver o mundo pautada em aspectos que não explicam a sua constituição,

escamoteiam os antagonismos de classes e desfavorece a constituição de espaços coletivos e críticos.

Tal processo se reproduz com intensidade quando a atenção se volta para a questão ambiental, pois apreendida hegemonicamente como uma questão acima das classes, o movimento de tratá-la como um problema de todos não é novo.

Sob influência da mundialização do capital, da hegemonia neoliberal e da difusão da ideia que defende o fim das lutas de classes, o ambiente aparece como um problema da humanidade que coloca a todos em um mesmo barco. Este processo tem sido denunciado por estudiosos, movimentos sociais vinculados à teoria crítica, uma vez que não oferece ferramentas para o enfrentamento dos dilemas postos na realidade (MÉSZÁROS, 2000). Ao contrário, advoga pela busca de uma união entre desiguais, gerando abstrações que mais omitem as responsabilidades e contradições do sistema capitalista do que contribuem para o seu enfrentamento e superação.

Por outro lado, também não é novo o processo de individualização das expressões da chamada questão social. Embora tenha sua origem na divisão social do trabalho e nos conflitos decorrentes dela, Iamamoto (2001) chama a atenção para os riscos de sua pulverização e fragmentação, o que funciona como forma de legitimar a culpabilização das classes subalternas em relação aos problemas sociais e ambientais vivenciados em seu cotidiano.

Historicamente, estes movimentos vêm contribuindo para a desterritorialização dos pobres, na medida em que uma determinada noção de riscos se coloca a serviço dos setores econômicos interessados em partes da cidade e do campo ocupadas pelos mais pobres (ACSELRAD, 2002; HARVEY, 2014).

Nesse sentido, faz-se necessário refletir sobre as múltiplas determinações sócio-históricas que não são visíveis em um primeiro momento, mas que são fundamentais para sua compreensão da realidade, a partir da articulação entre singular, particular e universal. De acordo com Pontes (1997, p.81), 'o particular constitui uma mediação com alto poder de dinamismo e articulação', lócus da dialética aparência-essência.

No plano da realidade, o particular representa a mediação concreta entre os homens singulares e a sociedade; a particularidade da vida humana está eivada da singularidade dos "fatos irrepetíveis" e saturada da universalidade, que é a legalidade que articula e impulsiona a totalidade social. A particularidade é, em última análise, - como bem exprime a plástica figura usada por Luckács - , um campo de mediações. É um espaço onde a legalidade universal se singulariza e a imediaticidade do singular se universaliza" (PONTES, 1997, p.86)

A imediaticidade, ainda que fundamental no processo, leva a uma interpretação da realidade superficial. Tanto é assim que o Estado e as políticas públicas são mencionados apenas quando se trata do enfrentamento ou resposta aos desastres.

Contudo, "o fato de essência, fenômeno e aparência não coincidirem, não implica que sejam polaridades" (PONTES, 1997, p. 83). Deste modo, as mudanças climáticas, o aquecimento global, e outros aspectos vocalizados pelos sujeitos entrevistados no plano global, assim como formas de comportamento reproduzidas pela população local não devem ser desconsiderados, pois fazem parte da realidade, dos processos e dilemas ambientais experimentados no tempo presente. Mas precisam ser analisados e compreendidos de forma articulada aos aspectos sociais e históricos do município, como a cultura conservadora, o clientelismo, a injustiça ambiental, a produção das vulnerabilidades e a outros aspectos, alguns deles já mencionados neste texto e que deverão ser aprofundados em outras produções.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, ao olhar para os desastres relacionados à água, a partir da vida cotidiana dos sujeitos afetados direta ou indiretamente, buscou-se apreendê-los não apenas pelo dado sensível e prático, que tende a se manifestar na aparência do fenômeno, mas também como processo de estruturação e desestruturação da vida social dos afetados e da comunidade, desvendado por meio do particular, como mediação entre o singular e o genérico.

Os resultados da pesquisa indicaram que os sujeitos afetados pouco estabelecem esta mediação, enfatizando ora aspectos singulares, ora genéricos dos

desastres. Neste sentido, os enfrentamentos e as respostas tendem a ter como centralidade, ações mais individualizadas e restritas aos grupos familiares e comunitários mais próximos, desprovidas de uma atenção mais próxima do Estado na dimensão do direito.

Compreende-se que os laços de solidariedade podem funcionar como importante contributo das comunidades para minimizar os desastres e seus impactos. Por meio deles, estratégias para a construção de formas de mobilização e de participação popular podem ser estabelecidas. Todavia, para que ações mais efetivas para o enfrentamento dos desastres sejam geradas, considerar as especificidades do particular na relação com as demais esferas da vida social torna-se tarefa fundamental.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. Vulnerabilidade ambiental, processos e relações. In: **Comunicação no II Encontro Nacional de Produtores e Usuários de Informações Sociais, Econômicas e Territoriais**. 2006, Rio de Janeiro: FIBGE, 2006.

_____. Justiça Ambiental e Construção Social do Risco. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 5, 49-60, 2002. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/22116/14480>. Acesso em: 29 ago. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

CANTANHEDE, Vicente Passaglia Pereira; AMORIM, Raul Reis. Uso do modelo digital de elevação na análise morfométrica do relevo: o estudo de caso do município de Campos dos Goytacazes-RJ. **Anais**. XI SINAGEO: Geomorfologia: compartimentação de paisagem, processo e dinâmica. Maringa, Paraná, 2016. Disponível em: <http://www.sinageo.org.br/2016/trabalhos/6/6-13-255.html> Acesso em 23/08/2022.

CHAUÍ, Marilena. Crítica e Ideologia. In: Chauí, Marilena; ROCHA, André (Org.). **Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro: Escritos de Marilena Chauí, vol. 2**. Autêntica Editora, São Paulo, 2017.p. 117 - 146.

CRUZ, José Luis Vianna da. **Projetos nacionais, elites locais e regionalismo: desenvolvimento e dinâmica territorial no Norte Fluminense entre 1970 e 2000**.

Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

DUTRA, Adriana Soares; BERNARDO, Alessandra Nascimento, SIQUEIRA, Antenora Maria da Mata. As inundações no norte fluminense como forma de expressão da questão social. e Políticas Públicas da Universidade Federal Fluminense. In: MORAES, C. A. de S.; MENDES, J.T. N. (org.). **A Questão Social no Norte Fluminense: expressões e enfrentamentos**. Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2022.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes**. Do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo, Martins Fontes, 2014.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades**: Campos dos Goytacazes. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/campos-dos-goytacazes/panorama>. Acesso em: 24 ago. 2022.

IAMAMOTO, Marilda Villela. A questão social no capitalismo. **Revista Temporalis**. Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Brasília: ABEPSS, Grafile, ano 2. nº 3., jan./jul. 2001.

LUKÁCS, Georg. **Introdução a uma estética marxista: sobre a particularidade como categoria da estética**. Civilização Brasileira, 1970.p. 79-120.

MARX, Karl. e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

MÉSZÁROS, István. A crise estrutural do Capital. **Revista Outubro**, v 4, n. 2, 2000. p. 7-15

PONTES, Reinaldo Nobre. **Mediação e Serviço Social: um estudo preliminar sobre a categoria teórica e sua apropriação pelo Serviço Social**. Cortez Editora, 1997.

RODRIGUES, Hervê Salgado. **Na Taba dos Goytacazes**. Imprensa Oficial, 1988

SIQUEIRA, Antenora M. da M; AZEREDO, Luana F. dos S.; ALEXANDRE, Paula S. S.; NASCIMENTO, Caroline C. Tragédias anunciadas: conflitos sociais em contexto de desastre ambiental em Campos dos Goytacazes (RJ). **Anais... XVI ENPESS: em tempos de radicalização do capital, lutas, resistências e Serviço Social**. Vitória:UFES, 2018.

VALENCIO, Norma Felicidade Lopes da Silva. Desastres: tecnicismo e sofrimento social. **Ciência & Saúde Coletiva**, (19), 9, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/mgDC4L9wdshN9rJ3GLV3PVv/abstract/?lang=pt>

VALENCIO, Norma; SIENA, Mariana; MARCHEZINI, Victor. **Abandonados nos desastres: uma análise sociológica de dimensões objetivas e simbólicas de afetação de grupos sociais desabrigados e desalojados**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2011. 160 p.

VALENCIO, Norma. Desastres normais: das raízes aos rumos de uma dinâmica tecnopolítica perversa. In: SIQUEIRA, Antenor; VALENCIO, Norma; SIENA, Mariana; MALAGOLI, Marco Antônio. **Riscos de desastres relacionados à água: aplicabilidade de bases conceituais das Ciências Humanas e Sociais para a análise de casos concretos**. São Paulo: RiMa Editora, 2015.